

DE GURU POLACO A EX-ESTRANHO

Eveline do Rocio Santos de Oliveira (Faculdades Secal)¹

Prof^a Josiane Franzó - Orientadora (Faculdades Secal)²

Resumo: Este artigo tem como finalidade, um estudo breve da vida do autor Paulo Leminski Filho, com ênfase em sua obra póstuma *O ex-estranho*, no qual estão reunidos alguns dos poemas inéditos do autor. Os poemas registrados foram disponibilizados pela sua esposa, Alice Ruiz, e sua filha, Áurea Leminski. Também serão abordados outros livros, dando destaque a alguns títulos, bem como sua escrita e temática. Durante a abordagem do tema, será possível presenciar um estudo mais avançado sobre, como o autor acabou se envolvendo nesse meio, quais foram as suas principais influências para a escrita e como tornou-se um nome reconhecido da literatura brasileira. Com base em outros estudos da vida e das obras do autor, este artigo ainda aborda os recursos utilizados em sua poesia como as figuras de linguagem, o conceptismo, a possibilidade de leitura inversa em seus poemas, entre outros, levando assim, ao leitor, uma breve contribuição sobre a vida e o legado deixado por Leminski.

Palavras-chave: Paulo Leminski, poemas inéditos, temáticas, recursos literários.

FROM A POLISH GURU TO AN EX-STRANGER

Abstract: This article has as purpose, a brief study of the life of the author Paulo Leminski Filho, with emphasis on his posthumous work *O ex-estranho*, in which are gathered some of the author's unpublished poems. The recorded poems were made available by his wife, Alice Ruiz, and his daughter, Aurea Leminski. Other books will also be addressed, highlighting some titles, as well as their writing and thematic. During the approach of the subject, it will be possible to witness a more advanced study about how the author ended up getting involved in that environment, what were his main influences for writing and how he became a recognized name in Brazilian literature. Based on other studies of the author's life and works, this article also discusses the resources used in his poetry, such as language figures, conceptism, the possibility of reverse reading in his poems, among others, a brief contribution about the life and legacy left by Leminski.

Keywords: Paulo Leminski, unpublished poems, thematic, literary resources.

Sumário: 1. Introdução – 2. A Obra – 3. Considerações finais – 4. Referências.

¹ Graduanda em Letras - Habilitação Plena Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Amélia (SECAL). evesantosoliveira@gmail.com

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). josiane@secal.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Paulo Leminski Filho nasceu em Curitiba, no dia 24 de agosto de 1944 e era descendente de poloneses por parte de pai, e, português, índio e negro por parte de mãe.

Entre as várias atividades que realizou em vida – compôs seu primeiro poema aos 8 anos, destacaram-se: o domínio em diversas línguas e suas composições, gravadas por grandes nomes da música brasileira, como Caetano Veloso.

Conhecido como Guru polaco³, transitou em várias áreas como: prosa, poesia, publicidade, quadrinhos, música popular, tradução, artes gráficas e TV. Casou-se com a poetisa Alice Ruiz com quem viveu durante 20 anos e teve três filhos: Miguel Ângelo (falecido), Áurea e Estrela. O autor faleceu no dia 7 de junho de 1989, aos 44 anos de idade.

Na obra *O ex-estranho* estão reunidos poemas inéditos de Leminski. Sua esposa – Alice Ruiz, acompanhada de Aurea Leminski, filha do casal, foram as responsáveis por organizar e selecionar seus escritos para este livro póstumo.

O escritor não foi produtor de vastas obras, mas seu legado foi o suficiente para deixar o seu nome como herança para a história do estado do Paraná. Durante sua breve passagem, produziu livros como *Catatau* (1976); *Não Fosse Isso e Era Menos/Não Fosse Tanto/e Era Quase* (1980); *Caprichos e Relaxos* (1983); *Agora é Que São Elas* (1984); *Anseios Crípticos* (1986); *Distraídos Venceremos* (1987); *Guerra Dentro da Gente* (1988); *La Vie En Close* (1991); *Metamorfose* (1994) e *O ex-estranho* (1996), além de traduções, ensaios e produções musicais.

Suas influências vão de Dante Alighieri a Bob Dylan, fazendo parte da rede, também, Goethe, Heidegger, Sartre e Décio Pignatari. Sua casa, situada no bairro Pilarzinho, em Curitiba, era ambiente de intelectuais da capital do Paraná. Assim,

³ Para o escritor Jamil Snege é atribuída a origem do guruato na cultura paranaense. Guru é o guia, o líder carismático que a sua volta congrega seguidores, às vezes fanáticos. O termo polaco é atribuído devido ao fato de o pai de Paulo Leminski ser de descendência polonesa. Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/blogs/dante-mendonca/a-genese-dos-guruatos/>>. Acesso em: 07 set. 2017.

diversos artistas, ao passar pela cidade, aproveitavam para visitá-lo e firmar parcerias na música e na poesia.

As obras leminskianas resultaram de um acúmulo literário e trazem uma poesia de estilo ágil e movimentado. Conta com uma estrutura rítmica baseada nas rimas, mostrando certa musicalidade e dando, também, valor a alguns recursos da poesia tradicional. A poesia de Leminski dissemina uma síntese entre a austera construção formal, que vem da estética concretista, e a coloquialidade, dando origem a sua própria poética.

O Guru Polaco foi divulgador do Haicai⁴ no Brasil, no qual era habilidoso e adotou como caminho de uma arte zen. Em *Distraídos Venceremos* (1987), onde usou o humor, ao final do volume o poeta agregou um caderno intitulado *Kawa Cauim: Desarranjos Florais*, totalizando 27 haicais de ironia explícita.

Dono de uma arte considerada original, contou com uma escrita diferenciada em alguns de seus poemas, os quais podem ser lidos de cima para baixo e de baixo para cima, como observa-se no haicai a seguir que está registrado no livro *Toda Poesia* (p.115) :

a estrela cadente
me caiu ainda quente
na palma da mão

Entretanto, foi com *Metamorfose*, livro publicado em 1994, que o autor conquistou o Prêmio Jabuti de poesia, no ano seguinte. Denominada por ele também como “uma viagem pelo imaginário grego”, o texto oscila entre prosa didática e prosa de ficção, aproximando-se da obra *Catatau*, de 1976. Ocorre aqui, em *Metamorfose*, a “releitura” da obra ovidiana⁵ (PEREIRA; VIEIRA, 2014).

A poesia de Paulo Leminski abarca uma série de temáticas que estão relacionadas ao amor, à história, à vida, à leitura, à ausência da fé religiosa e ainda sobre a poesia em si, causando, por vezes, estranhamento em seus leitores.

⁴ O Haicai, também chamado de “Haiku” ou “Haikai”, é um poema curto de origem japonesa. A palavra haicai é formada por dois termos “hai” (brincadeira, gracejo) e “kai” (harmonia, realização), ou seja, representa um poema humorístico. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-haicai/>> Acesso em: 05 set. 2017.

⁵ Públio Ovídio Naso foi um poeta romano da Antiguidade. É considerado, por muitos estudiosos, um dos maiores poetas do final do século I a.C. e início do século I d.C. Sua principal obra é *A Arte de Amar*. Muitas de suas obras são excelentes fontes para o estudo e entendimento da mitologia romana. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/quemfoi/ovidio.htm>> Acesso em: 03 set. 2017.

Discorrendo especificamente sobre *O ex-estranho* é possível encontrar nessa obra, temáticas variáveis como: o tempo, lembranças, o sentido da vida, sentimento de desconforto, de algo inacabado entre outros. Já no início do livro encontra-se o seguinte prefácio:

Este livro de poemas, que se chamaria *O ex-estranho*, expressa, na maior parte de seus poemas, uma vivência de despaisamento, o desconforto do not-belonging, o mal-estar do fora de foco, os mais modernos dos sentimentos. Nisso, cifra-se, talvez, sua única modernidade (LEMINSKI, 1996, p. 19).

2 ANÁLISE DA OBRA

Publicado em 1996 pela Editora Iluminuras, e, trazendo um título singular que denota uma possível ideia de duplicidade, ou seja, estranho por duas vezes, causada pela repetição de sons foneticamente iguais. O prefixo *ex* pode, também, de certa forma, sugerir a ideia de não ser mais estranho.

O título da obra pertence a um dos poemas de Leminski que fora publicado em outro livro póstumo: *La Vie en Close*⁶. Alice havia encontrado o poema *O ex-estranho* em um envelope à parte, com outro poema e um pequeno prefácio escrito pelo autor, como se fosse uma pista de um possível título “para este estranho livro *ex*”, maneira como ela se refere. Por tratar-se de um livro póstumo, pode-se entender, também, o título como algo inédito que estava guardado e foi revelado, tornando-se “conhecido” para os leitores e não mais estranho.

O escritor sempre se apropriou de títulos bastante curiosos para suas obras. Entre eles, pode-se exemplificar a obra *La Vie en Close*, que seria um trocadilho autorreferente com a conhecida música que foi imortalizada pela voz de Edith Piaf. Já em *Catatau*, o título seria uma anedota do tempo em que o autor e sua família moravam em uma pensão assim que se mudaram para o Rio de Janeiro. Os amigos

⁶ *La vie en close*, livro póstumo do poeta Paulo Leminski, acolhe, na maior parte de suas páginas, poemas inéditos, escritos depois de *Distraídos venceremos* (1987), e não publicados em vida pelo autor, em junho de 1989. É uma coletânea cuja organização foi finalizada por Alice Ruiz. Os textos, haicais e poemas de *La Vie en Close* mostram uma busca consciente e articulada de uma linguagem fácil (sem ser vulgar), musical e fluida. Disponível em: <http://www.passeiweb.com/estudos/livros/la_vie_en_close> Acesso em: 03 set. 2017.

de Leminski o viam andar de um lado para o outro com livros de referência e falavam " - Lá vem o Leminski com aquele catatau embaixo do braço". Já na obra *Metamorfose*, o título foi usado em um poema concreto⁷ seu do início dos anos 60, no qual as letras da palavra metamorfose se recombina para traduzir a ideia dinâmica da mutação.

A apresentação de *O ex-estranho* é produzida por Geraldo Pougy, Presidente da Fundação Cultural de Curitiba, seguida por um texto de sua esposa, Alice Ruiz, o qual é intitulado como *Uma poesia ex-estranha*, no qual está relatado o processo de seleção desses textos, de acordo com Alice Ruiz, "entre as cento e poucas páginas fomos, eu e Áurea fazendo nossa seleção separadamente e depois as comparamos discutindo os porquês das poucas escolhas ou exclusões que não coincidiam" (RUIZ, 1996, p.14). Entre os 53 textos selecionados para este título, encontram-se poemas expressos com seu gosto parnasiano⁸, haicais e poemas trocados com sua esposa, os quais estão anexados no fim do livro recebendo o nome de *PARTE DE AM/OR*, trazendo ao leitor toda a originalidade leminskiana. Assim, também é possível perceber diversos temas, nos quais o poeta mostra sua genialidade única repassada através de cada verso.

Desses 53 textos, foram selecionados aqui alguns que julgou-se pertinente para a análise proposta. A partir desses versos, tem-se por finalidade elencar as possíveis temáticas encontradas em alguns poemas do autor.

O primeiro poema escolhido é nomeado por Leminski como Invernáculo⁹:

⁷ "materesmofo/ temaserfomo/ termosfameo/ tremesfooma/ metrofasemo/ mortemesafo /amorfotemes/ emarometesf/ eramorfetem/ fetomormesa/ mesamorfeto/ efatormesom/maefortosem/ saotemorfem/ termosefoma/ faseortomem/ motormefase/ matermofeso/ metaformose" Disponível em: <<https://seminarioeuraca.files.wordpress.com/2014/05/toda-poesia-paulo-leminski.pdf>> Acesso em: 02 set. 2017,

⁸ O Parnasianismo foi um movimento literário que surgiu na França na metade do século XIX e se desenvolveu na literatura européia, chegando ao Brasil. Tinha como principais características: o objetivismo, racionalismo, cientificismo, positivismo e rigor estético e culto à forma poética. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/parnasianismo.htm>> Acesso em: 05 set. 2017.

⁹ Invernáculo (adjetivo): que não é vernáculo.

<p>Invernáculo</p> <p>Esta língua não é minha, qualquer um percebe. Quem sabe maldigo mentiras, vai ver que só minto verdades. Assim me falo, eu, mínima, quem sabe, eu sinto, mal sabe. Esta não é minha língua. A língua que eu falo trava uma canção longínqua, a voz, além, nem palavra. O dialeto que se usa à margem esquerda da frase, eis a fala que me lusa, eu, meio, eu dentro, eu, quase.</p>	<p>Invernáculo</p> <p>eu, meio, eu dentro, eu, quase. eis a fala que me lusa, à margem esquerda da frase, O dialeto que se usa a voz, além, nem palavra. uma canção longínqua, A língua que eu falo trava Esta não é minha língua. quem sabe, eu sinto, mal sabe. Assim me falo, eu, mínima, vai ver que só minto verdades. Quem sabe maldigo mentiras, qualquer um percebe. Esta língua não é minha,</p>
--	--

Nesse poema, assim como em outros, os versos podem ser lidos de cima para baixo e vice-versa, e, é possível perceber a sensação expressa pelo eu lírico de não pertencer à sua língua materna. Já no título se reconhece a palavra *invernáculo* que é um neologismo e refere-se a língua lusa dizendo que não é a dele e sim emprestada de outro povo, resultando no sentimento da falta de uma identidade linguística. Por isso, considera um *invernáculo*. Ao ler de baixo para cima o texto diz: “eis a fala que me lusa” “O dialeto que se usa/a voz, além, nem palavra/uma canção longínqua” demonstrando a “inconformidade” por fazer o uso da língua portuguesa que está longe e é uma herança de Portugal – percebe-se aqui uma “crítica” ao passado histórico brasileiro por não possuir um idioma próprio.

No trecho: “Quem sabe maldigo mentiras, vai ver que só minto verdades” nota-se o uso do conceptismo barroco¹⁰. Traçando, também, um jogo de ideias com

¹⁰ O Barroco se divide em duas vertentes que se opõem: o cultismo e o conceptismo. Ambos buscam a mesma finalidade, o refinamento da linguagem, porém elas se diferenciam no caminho traçado. O cultismo busca a agudeza, e o conceptismo, o engenho. O Conceptismo é marcado pelo jogo de ideias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico, racionalista, que utiliza uma retórica aprimorada. Disponível em: <<http://conceptismo.blogspot.com.br/2008/10/caractersticas-do-barroco-conceptista.html>> Acesso em: 03 set. 2017.

o oxímoro em “minto verdades” mostrando que apesar de maldizer mentiras por fazer uso da língua lusa, “mente” verdades, pois suas ideias são verdadeiras e próprias. No fragmento: “Esta língua não é minha/qualquer um percebe” é possível notar que a expressão “qualquer um” esteja referindo-se ao leitor que tem ciência que o eu lírico sente-se fazendo uso de uma língua imposta. Leminski foi um crítico e também protetor da língua portuguesa, como vê-se abaixo:

A palavra mais incrível criada na língua portuguesa em Portugal foi ‘saudade’. A mais incrível palavra criada em português no Brasil foi ‘jeito’. Nós, brasileiros, temos que dar um jeito de tornar a língua portuguesa mais forte, isto é, capaz de assimilar ataques de corsários ou invasões estrangeiras. Embora a língua portuguesa seja o idioma dos nossos ex-dominadores e colonizadores, é dela que é feita a substância da nossa alma (LEMINSKI, 1997, p. 44).

Segundo o livro, o próximo poema chama-se *Já disse de nós*:

Já disse de nós.	E tudo foi tão de repente.
Já disse de mim.	Que já disse tudo.
Já disse do mundo.	Tenho a impressão
Já disse agora,	
eu que já disse nunca.	eu já disse muito.
Todo mundo sabe,	Todo mundo sabe,
eu já disse muito.	eu que já disse nunca.
	Já disse agora,
Tenho a impressão	Já disse do mundo.
Que já disse tudo.	Já disse de mim.
E tudo foi tão de repente.	Já disse de nós.

Esse poema também pode ser lido inversamente, de baixo para cima. O eu lírico possivelmente refere-se à vida de Leminski como homem das palavras, que já disse tudo porque já escreveu sobre inúmeros assuntos. Para reafirmar a quantidade de coisas sobre as quais já falou, usa a anáfora em “**Já disse** de nós/**Já disse** de mim/**Já disse** do mundo/**Já disse** agora”. Assim, enfatiza que sua poesia apropria-se de vários temas. Faz o uso dos pronomes pessoais “nós/mim” possivelmente para demonstrar que já disse de si e dos outros e também dos advérbios de tempo “agora/nunca” para referir-se que diz sobre coisas atuais e coisas inéditas. Aparentemente ele refere-se à expressividade e à voz interior.

Apresenta objetivos temporários, como se as coisas tivessem prazo e como se agora faltassem palavras para dizer sobre outras coisas, deixando subentendida essa ideia com o advérbio muito e o pronominal tudo afirmando a intensidade e totalidade das coisas das quais já se referiu. Em sua forma inversa, nos versos “eu já disse muito/Todo mundo sabe” a expressão todo mundo pode ser uma referência aos leitores de seus poemas, também.

DIONISIOS ARES AFRODITE

aos deuses mais cruéis
juventude eterna

eles nos dão de beber
na mesma taça
o vinho, o sangue e o esperma

Esses versos trazem como possível tema os prazeres da vida com os elementos que remetem a cada deus citado já em seu título – Dionísio, Ares e Afrodite. Filhos de Zeus, Dionísio era considerado o deus do vinho, das festas, dos ciclos vitais e do lazer; Ares – o deus da guerra e da sede de sangue e Afrodite – deusa do amor, da beleza e da sexualidade, sendo também responsável por perpetuar a vida, o prazer e a alegria.

Na primeira estrofe, percebe-se que a palavra “eterna” pode dar a ideia de imortalidade para os respectivos elementos. Deduz-se que na última frase Dionísio foi relacionado ao vinho por ser assim conhecido, Ares ao sangue, por ser o deus da guerra e Afrodite ao esperma, por ser a deusa do amor e da sexualidade (mas descrita como cruel assim como Dionísio e Ares), esses componentes estão presentes na vida humana até hoje, sendo imortalizados juntos aos deuses mais cruéis do Olimpo. Essa “mesma taça” pode ser a vida, na mesma vida desfruta-se dos três elementos.

desastre de uma idéia
só o durante dura
aquilo que o dia adiante adia

estranhas formas assume a vida
quando eu como tudo que me convida
e coisa alguma me sacia

formas estranhas assume a fome
quando o dia é desordem

e meu sonho dorme

fome da china fome da índia
fome que ainda não tomou cor
essa fúria que quer
seja lá o que flor

Observa-se aqui que o poema refere-se a uma ideia momentânea que, assim como a vida, é imprevisível e não sacia o eu lírico que sente fome do que está por vir, ou seja, do futuro, do sonhar e do querer. Pode-se perceber o uso da aliteração na primeira estrofe, no uso da consoante “d” para dar mais expressividade à frase “**desastre de uma idéia/só o durante dura/aquilo que o dia adiante adia**”. Assim, é permitido sentir certa musicalidade com essa figura de linguagem. Nessa poesia, também, é permitido perceber traços do estilo barroco, mais precisamente conceptista, como no jogo de ideias nas frases invertidas “*estranhas formas assume a vida/formas estranhas assume a fome*”, onde o certo seria “*A fome assume estranhas formas/ A vida assume estranhas formas*”, mostrando a essência da ideia das formas “desconhecidas” que assumem a vida e a fome das coisas. Outro recurso encontrado no poema é o emprego das consoantes em letra minúscula nos nomes próprios *China* e *Índia*, sugerindo a ideia de diminuição desses dois países considerados os mais populosos do mundo e com acelerado crescimento entre as principais economias. No último verso, “seja lá o que flor”, a palavra *for* foi substituída pela palavra *flor*, permitindo uma ideia de “florescimento” ou de algo que nasce como a esperança.

OLINDA WISCHRAL¹¹

Pessoas deviam poder evaporar
quando quisessem
não deixar por aí
lembranças pedaços carcaças
gotas de sangue caveiras esqueletos
e esses apertos no coração
que não me deixam dormir.

No poema acima nota-se que o eu lírico refere-se à perda ou à morte e que cada pessoa deveria levar suas lembranças consigo quando fosse embora, pois a

¹¹ Olinda Wischral foi atriz, poetisa, funcionária do Teatro Guaíra. Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/quem-diria-felliniana-olinda-nua-em-cores>> Acesso em: 06 set. 2017.

saúde é de quem fica. Nos versos “lembranças pedaços carcaças” e “gotas de sangue caveiras esqueletos”, a carga semântica de cada palavra pode estar relacionada a outros significados. Como no primeiro verso, a palavra lembrança pode remeter ao passado, pedaços aos restos, carcaças ao esqueleto humano, trazendo a ideia do fim de algo. Além disso, os termos: gotas de sangue – a porção mínima de sangue, caveiras e esqueletos, também, remetem à ideia de morte. Os versos descrevem essa saudade que a morte ou a perda trazem, que tiram o sono e causam angústia.

TAKE P/BERE

foi tudo muito súbito
tudo muito susto
tudo assim como a resposta
fica quando chega a pergunta

esse isso meio assunto
que é quando a gente está longe
e continua junto

Utilizando-se termos que remetem ao amor, ao inesperado, ao imprevisível, ao desejo de estar junto e ao estar juntos mesmo que separados, o eu lírico expressa, de maneira sintética, o que permeia uma relação amorosa, desde o “encontrar” do amor, até ao distanciamento da pessoa amada. Observa-se, também, que na primeira estrofe, o eu lírico faz uso da anáfora, repetindo a palavra *tudo* dando, com isso, certa musicalidade ao poema e enfatizando a quantidade das coisas que aconteceram de repente. O advérbio de intensidade *muito*, também colocado na primeira estrofe, emprega a ideia de veemência das palavras *súbito* e *susto*, como se a pergunta viesse de forma súbita trazendo o susto como resposta, reforçada pela antítese nas palavras “resposta/pergunta”. Os pronomes *esse* e *isso* reforçam a ideia da distância que o poema traz, indicando algo que está distante do eu lírico. A antítese das palavras “longe/junto” parece estar ligada à presença e ausência de alguém que é o seu “assunto”, ou a quem ele se refere.

Redonda. Não, nunca vai ser redonda
Essa louca vida minha
Essa minha vida quadrada,
Quadra, quadrinha,
Não, nada,
Essa vida não vai ser minha.

Vida quebrada ao meio,
Você nunca disse a que veio

O sentido da vida parece ser o tema do poema acima, uma vez que o eu lírico demonstra questionar esse sentido, além de referir-se ao seu modo de viver quadrado, como se fosse uma fôrma, denotando que gostaria de viver de outra forma. A palavra *vida* está colocada como anáfora e faz-se o uso da palavra *redonda* seguida dos advérbios *não* e *nunca* para sustentar a ideia de que sua vida jamais terá essa forma. O eu lírico utiliza, também, as frases: “Essa louca vida minha/Essa minha vida quadrada”, com o pronome demonstrativo *essa* para referir-se à sua vida como algo que estivesse distante de si. Logo adiante tem-se os termos: “Quadra, quadrinha”, sendo que a palavra *quadrinha*, diminutivo de *quadra*, pode apontar a intenção do poeta em diminuir a sua existência, já que *quadrinha* significa pequena *quadra* ou ainda para referir-se a *quadrinha* como estrofe composta de quatro versos, ou seja, o poema em sua forma.

NO INSTANTE DO ENTANTO

Diga minha poesia
E esqueça-me se for capaz
Siga e depois me diga
Quem ganhou aquela briga
Entre o quanto e o tanto faz

Outro tema explorado por Leminski é a indiferença. Nesse texto o eu lírico parece buscar respostas na poesia sobre essa indiferença, questionando-a. Outra interpretação possível é a de que o poema apresenta um questionamento para a poesia que o “persegue”. O advérbio *entanto*, dá a ideia de tempo, do instante em que acontece essa “perseguição”. O pronome possessivo *minha* demonstra uma possível pergunta para sua própria poesia. Pese, também, que dentro desse poema há verbos que se encontram no imperativo como *diga*, *esqueça* e *siga* expressando ordem para a própria poesia. Há o uso da paronomásia nas palavras “diga” e “siga” e “entanto” e “quanto” combinando foneticamente as palavras.

HEXAGRAMA 65

Nenhuma dor pelo dano.
Todo dano é bendito.
Do ano mais maligno;

nasce o dia mais bonito.

1 dia,
1 mês, 1
ano.

No poema Hexagrama¹² 65, aparentemente o eu lírico está falando sobre esperança e superação. Essa superação que vem com o tempo e, portanto, não se deve sofrer pelas perdas, visto que elas trazem experiências positivas. A transformação é resultante de um mal que agora é bem. Nos versos “Todo dano é bendito/Do ano mais maligno’ a antítese bendito X maligno reforça a ideia de bem e mal no poema. Outro recurso utilizado é a anáfora pela repetição da palavra *dano* e no terceiro verso aparecem as palavras *Do ano*, que juntas dão o som da palavra *dano*. No título, o número 65 provavelmente está referindo-se ao *I Ching* ou *Livro das Mutações*, onde os hexagramas são figuras diferentes. Ele contém um total de 64 hexagramas, sendo, esses, formados por 6 linhas que são contínuas e descontínuas, representando a crença do Taoísmo¹³. É possível que o título usado esteja fazendo referência ao 65º hexagrama, o qual seria seu poema.

O que o amanhã não sabe,
o ontem não soube.
Nada que não seja o hoje
jamais houve

Nesse poema, o eu lírico discorre sobre o tempo presente, a única certeza, já que o futuro é incerto e o ontem já passou. A palavra *não*, repetida por três vezes dá ênfase à negação de que nada se sabe sobre o passado e o futuro, mostrando certa preocupação com o tempo. A antítese de “amanhã” e “ontem” reforçam a ideia de passado e futuro. As palavras “amanhã, ontem e hoje” reforçam a ideia da passagem do tempo. O advérbio de negação *não* aparece ao lado dessas palavras, permitindo entender que o tempo não pertence a ninguém. No último verso “Jamais houve” há a ênfase a essa passagem do tempo que, para o eu lírico não existe.

¹² Hexagrama é a reunião de seis letras ou caracteres. Figura representada por uma estrela de seis pontas, é formada de dois triângulos equiláteros iguais e concêntricos, na qual os lados opostos em relação ao centro são paralelos. Foi o símbolo da escala pitagórica. Disponível em: <<http://www.osdicionarios.com/c/significado/hexagrama>> Acesso em: 11 set. 2017.

¹³ O Taoísmo surgiu no século II e é uma religião de filosofia chinesa. Os taoístas acreditam na essência de todas as coisas. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/religoes/taoismo.htm>> Acesso em: 10 set. 2017.

investígio

olfato ou fato
um cheiro falso
a brisa traz

um brilho antigo
brinca comigo
de anos atrás

88 (na passagem da constelação alice)

No texto acima o eu lírico fala sobre as sensações que os sentidos trazem, aguçando a memória, como as estrelas. Trazendo lembranças dos anos que se passaram. O sentimento é relacionado aos sentidos e a essa sensação de “cheiro falso” que surge com a lembrança. O sentimento ativa os sentidos, *olfato* e *cheiro*, causando a sensação de “cheiro falso”, que surge com a lembrança. A assonância é usada entre as palavras *olfato*, *fato* e *falso*, dando o efeito de rima e a aliteração em *brisa*, *brilho* e *brinca*, *antigo* e *comigo*, *traz* e *atrás*, dando certa musicalidade ao poema. O número 88 pode estar ligado às 88 constelações ocidentais, ou seja, às 88 partes a qual está dividida a esfera celeste, segundo a União Astronômica Internacional. A “constelação alice” pode representar Alice Ann Bailey, teosofista inglesa, a qual se baseou a astrologia esotérica.

SACRO LAVORO

as mãos que escrevem isto
um dia iam ser de sacerdote
transformando o pão e o vinho forte
na carne e sangue de cristo

hoje transformam palavras
num misto entre o óbvio e o nunca visto

No poema *Sacro Lavoro* o eu lírico provavelmente está remetendo à vida de Leminski, que, aos 14 anos foi para o mosteiro. No título, a palavra *sacro* (sagrado) em latim tenta mostrar certa “santidade” nas palavras, já a palavra *lavoro* (trabalho) vem do italiano. Então, *Sacro Lavoro* (Trabalho Sagrado) remete à ideia de que as mãos que escrevem seriam santas. No segundo e no quinto verso “um dia

iam ser de sacerdote” e “hoje transformam palavras” as palavras *um dia* e *hoje* ligam o passado, no qual seria padre, ao presente, no qual usa as palavras.

Campo de Sucatas

saudade do futuro que não houve
aquele que ia ser nobre e pobre
como é que tudo aquilo pôde
virar esse presente poder
e esse desespero em lata?

pôde sim pôde como pode
tudo aquilo que a gente sempre deixou poder
tanta surpresa pressentida
morrer presa na garganta ferida
raciocínio que acabou em reza
festa que hoje a gente enterra

pode sim pode sempre como toda coisa nossa
que a gente apenas deixa poder que possa

Mais uma vez o eu lírico traz um traço biográfico do poeta ao dizer que sente saudade do futuro que seria nobre e pobre, porque se tornaria padre. Nele, menciona novamente o tempo, mostrando um sentimento pessimista que vivencia no momento e o desejo de um futuro fantasioso. Do mesmo modo, transparece a ideia de insatisfação, de desânimo por não poder ter realizado algo, mesmo sabendo que fez o que pôde. Na primeira estrofe, o advérbio *futuro* e o pronome *aquele* estão próximos deixando a impressão de que se refere a algo que está distante. Posteriormente, o adjetivo *presente* refere-se ao agora. As palavras *nobre* e *pobre*, formam a paronomásia com as palavras *pôde*, *pode* e *poder* trazendo sonoridade ao poema.

Sei lá

vai pela sombra, firme,
o desejo desespero de voltar
antes mesmo de ir-me
antes de cometer o crime,
me transformar em outro
ou em outro transformar-me
quem sabe obra de arte,
talvez, sei lá, falso alarme,
grito caindo do poço,
neste pouco poço nada vejo nem ouço,
mais mais mais
cada vez menos

poder isso, sinto, é tudo que posso,
o tão pouco tudo que podemos

No poema *Sei lá* o eu lírico expressa sua sensação de perder tempo, bem como, aparenta estar sentindo-se incompleto. Mostra-se caindo em um abismo no qual ele não consegue ir além. Parece querer transformar-se em outro ser ou deixar que um novo eu o transforme para evoluir e transcender, contudo, pouco pode fazer para que isso aconteça. Nesse poema também encontra-se o conceptismo no jogo de ideias nas seguintes frases: “me transformar em outro/ou em outro transformar-me”. A assonância está presente entre as palavras *poço*, *pouco* e *ouço*, e, o termo *mais* está em forma de anáfora para dar ênfase ao verso seguinte “cada vez menos”, bem como, encontra-se a aliteração em *poço*, *posso*, *pouco* e *podemos*.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise dos poemas selecionados da obra *O ex-estranho*, de Leminski, o que possibilitou vislumbrar um pouco o seu estilo literário, as variadas temáticas utilizadas pelo autor e presentes neste livro, além de fomentar o conhecimento acerca da sua vida e obra breve pesquisa sobre sua vida e sobre sua escrita.

Percebeu-se, de um modo geral, que seus poemas estão ligados às diversas temáticas como o amor, a história, a vida, a leitura, a ausência da fé religiosa, o fazer poético e tantos outros assuntos presentes no dia a dia.

No livro aqui abordado as temáticas recorrentes encontradas foram sobre o tempo, lembranças, o sentido da vida, o desconforto, a indiferença, o amor e o inacabado.

Ao realizar breves análises, verificou-se que nessa obra, predominantemente, o eu lírico presente em cada poema demonstra, por vezes, a sensação de desconforto ou, como encontra-se no próprio prefácio deixado por ele, a vivência de despaisamento, o desconforto e o mal-estar do fora de foco.

A análise ainda permitiu mostrar os recursos usados em seus poemas, como a leitura inversa, traços do barroco conceptista e ainda as figuras de linguagem

muito bem empregadas pelo poeta. Procurou-se, também, apontar suas influências e a relação do eu lírico com sua vida pessoal - com temas ligados ao seu passado.

Dada a importância do assunto, torna-se possível um melhor entendimento à obra escolhida para análise, uma vez que descobre-se um certo estranhamento causado pelo eu lírico ao leitor, por expressar tais sentimentos em seus poemas presentes no livro *O ex-estranho*.

4 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Manoel. **Sentimento de vazio, inutilidade e desespero - Quem sou eu?**, 2011. Disponível em: <<http://manoel-psicogrupos.blogspot.com/2011/05/sentimento-de-vazio-inutilidade-e.html>> Acesso em 03 set. 2017.

BONVICINO, Régis. **Envie meu dicionário: Cartas e Alguma Crítica**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CAMPOS, Haroldo de. **Paulo Leminski**. In: LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CAMPOS, Augusto de. **Poesia Concreta**. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da poesia concreta*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaios e Anseios Críticos**. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.

_____. **O Ex-Estranho**. Org. Alice Ruiz e Áurea Leminski. São Paulo, Iluminuras, 2009.

_____. **La Vie En Close**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

_____. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Um cachorro doido: Paulo Leminski**, 2016. Disponível em: <<http://mixturamidia.blogspot.com/2016/09/um-cachorro-doido-paulo-leminski.html>> Acesso em 11 set. 2017.

_____. **Vida e Literatura: Distâncias**. Pólo Cultural, 06 abr. 1978.

OVÍDIO. **Metamorfoses de Ovidio**. Tradução de Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.

PEREIRA, Lívia Mendes; Vieira, Brunno Vinicius Gonçalves. **Metamorfose das Metamorfoses: Leminski reinventa Ovídio**, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/43951>> Acesso em: 01 set. 2017.

PLATÃO. **Sobre A Inspiração Poética (Íon)**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

RÁDIOAGÊNCIA NACIONAL. **História Hoje: Poesia de Paulo Leminski influenciou grandes músicos**, 2016. Disponível em: <<http://radioagencianacional.ebc.com.br/cultura/audio/2016-08/historia-hoje-poesia-de-paulo-leminski-influenciou-grandes-musicos>> Acesso em 11 set. 2017.

RUIZ, Alice. **“Apresentação”**. In: LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Na morte, o segredo dessa vida: admiração, sociabilidade e celebração entre os fãs de Raul Seixas**, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5253/RK=1/RS=kEXDuVgNCMgn0NMvf cL1sVte7eM->>> Acesso em 10 set. 2017.

VAZ, Toninho. Paulo Leminski: **O Bandido Que Sabia Latim**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WISNIK, José Miguel. **Notas Sobre Leminski Cancionista**. In: LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.